UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

STELLA CÂNDIDO DUTRA

Jornalista(s): a profissão de contar histórias

Produto Jornalístico

Mariana

2025

STELLA CÂNDIDO DUTRA

Jornalista(s): a profissão de contar histórias

Memorial descritivo do produto apresentado como Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como pré-requisito para obtenção de grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª Drª Hila Rodrigues

Mariana

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D978j Dutra, Stella Candido.
Jornalista(s) [manuscrito]: a profissão de contar histórias. / Stella Candido Dutra. - 2025.
30 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Ética. 2. Jornalismo. 3. Jornalistas. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.422

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
COLEGIADO DO CURSO DE JORNALISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Stella Cândido Dutra

Jornalista(s): a profissão de contar histórias

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 11 de abril de 2025

Membros da banca

Prof.(a) Dr(a). Hila Bernardete Silva Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Karina Gomes Barbosa - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Denise Figueiredo Barros do Prado - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Bernardete Silva Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 02/06/2025

Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/06/2025, às 20:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0921611** e o código CRC **ADD93775**.

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3557-3555 - www.ufop.br

A todos os que têm fome de aprender.

AGRADECIMENTOS

Este é o primeiro texto a ser lido e o último a ser escrito, e é dedicado às pessoas da minha história.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, que sonhou junto comigo em todos os momentos da minha vida, pavimentou os caminhos para que eu pudesse caminhar com mais facilidade e me deu sempre um lugar para voltar.

Em especial, à minha mãe, Siône, e ao meu pai, Wellington, que sempre me apoiaram e me deram suporte em minhas escolhas (por mais malucas que parecessem). Graças a vocês, sei que tenho força para chegar onde eu quiser. Às minhas queridas avós, Judite e Maria, pelo amor e inspiração. Agradeço aos demais familiares pelo carinho, apoio e participação nesta etapa. Por cada almoço de domingo e pelos momentos que passamos juntos, que me proporcionam tanta alegria e leveza que nem vejo o tempo passar. Admiro nossa união e agradeço por ter amigos dentro da minha família. E que família! A gente lota qualquer lugar. Amo vocês.

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto por ter me proporcionado a estrutura e as ferramentas para minha formação profissional. Tudo o que vivi em pouco mais de quatro anos foi muito além de conseguir um diploma: foi minha formação como ser humano também. Agradeço aos meus professores, que me deram o senso crítico necessário para enxergar o mundo, pelos ensinamentos e pela oportunidade de me inspirar cada dia mais na profissão que escolhi. Um agradecimento especial à minha querida orientadora, Hila Rodrigues, por ser gigante e ter a paciência de um monge (porque sei que dei trabalho). Admiro você desde a primeira vez que ouvi seu nome. Obrigada pelo carinho e por tudo que aprendi com você. Este trabalho não seria o mesmo sem a sua participação.

Aos jornalistas que participaram do livro e compartilharam suas histórias, muito obrigada por se abrirem comigo e protagonizarem este projeto. Obrigada, Maurício, Rodrigo, Pedro, Mariana e Cíntia! Vocês são jornalistas excelentes, e aprendi a cada palavra dita. Que eu possa colocar em prática todo o aprendizado e me tornar uma profissional tão incrível quanto cada um de vocês. Foi uma honra contar suas histórias.

Agradeço aos meus queridos amigos que me apoiaram durante o curso de Jornalismo e também às amizades que fiz pelo caminho e que espero levar para toda a vida. Foi incrível acompanhar o crescimento de cada um de nós, e tenho certeza de que serão jornalistas brilhantes. Um brinde ao meu grupo de amigas especiais, as "Edescegelas". Amo vocês.

Agradeço ainda a cada pessoa que cruzou o meu caminho e me proporcionou desafios que pensei não ser capaz de superar. Indiretamente, vocês me fizeram mais forte. Obrigada por

me tirarem da zona de conforto. O que eu sou é resultado de todas as minhas experiências, tanto as boas quanto as nem tão boas assim.

E, por último, agradeço à minha coragem e inspiração para enxergar a vida de uma maneira diferente e, às vezes, até incompreendida. Estou orgulhosa da minha trajetória e do resultado final de *Jornalista(s): a profissão de contar histórias*. Muito feliz por completar mais essa fase e ansiosa pelas próximas, agora, como "jornalista de verdade".

“A maior qualidade de um repórter é a inquietude intelectual. As coisas estão boas? Podem ficar melhores.”

(Caco Barcellos)

RESUMO

O presente memorial trata do processo de produção do livro de repórter *"Jornalista(s): a profissão de contar histórias"*, criado com o objetivo de contar as experiências, os bastidores e as histórias de cinco jornalistas sobre esta profissão. Maurício Lara, Rodrigo Freitas, Pedro Cortella, Mariana Assis e Cíntia Soares protagonizam o livro, dividido em cinco capítulos, externando os desafios e prazeres de suas experiências como jornalistas. Aqui também estão presentes os norteadores teóricos referentes ao conceito de "livro de repórter" e os estudos de diversos pesquisadores que se dedicaram a examinar trabalho jornalístico em sua essência, além de reflexões construídas a partir das histórias escutadas. O memorial traz ainda os bastidores da criação e os desafios encontrados para a produção do livro.

Palavras-chave: Jornalismo; Repórter, Bastidores; Ética; livro de repórter.

ABSTRACT

This memorial addresses the production process of the reporter's book "Journalist(s): The Profession of Storytelling", created with the purpose of sharing the experiences, behind-the-scenes stories, and narratives of five journalists about this profession. Maurício Lara, Rodrigo Freitas, Pedro Cortella, Mariana Assis, and Cíntia Soares are the protagonists of the book, which is divided into five chapters, expressing the challenges and joys of their experiences as journalists. Also included here are the theoretical foundations related to the concept of a "reporter's book" and studies by various researchers who have examined the essence of journalistic work, as well as reflections built upon the stories gathered. The memorial also presents the behind-the-scenes of its creation and the challenges encountered during the production of the book.

Keywords: Journalism; Reporter; Behind the scenes; Ethics; Book-report.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de primeira versão de capa para o livro 23
Figura 2 - Imagem de primeira versão de capa para o livro 24
Figura 3 - Imagem de terceira versão de capa para o livro..... 25
Figura 4 - Foto inserida no livro antes de edição..... 26
Figura 5 - Foto inserida no livro após a edição..... 26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9
2. DA NOTÍCIA À REPORTAGEM 11
2.1. Reportagens sobre repórteres 13
2.2. Livro de repórter 15
3. PAUTA ESTENDIDA **17**
3.1 Bastidores 20
4. PROJETO GRÁFICO **23**
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **27**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Este produto é um livro de repórter constituído de entrevistas feitas a diferentes jornalistas sobre os bastidores da profissão. Eles contam sobre sua carreira, os desafios e prazeres do trabalho jornalístico. Seu formato permite que os bastidores da produção também estejam presentes no produto e, por se tratar de um livro de repórter, as percepções do jornalista escritor aparecem durante a narrativa, evidenciando técnicas de apuração, contato com as fontes, reflexões e processos de criação e reflexões próprias.

O trabalho jornalístico não é fácil. Por mais experiente que um jornalista seja e por mais que possua as habilidades necessárias, ele terá desafios expressivos ao longo da carreira. O *Jornalista(s): a profissão de contar histórias* tem o objetivo de revelar, a partir dos depoimentos dos profissionais aqui elencados, as atividades que os jornalistas executam para que o produto final – a notícia, a reportagem – chegue de maneira correta e honesta até o leitor, telespectador ou ouvinte.

Assim, este memorial recorre a autores que trazem perspectivas não apenas sobre o tema do produto, mas sobre o produto em si – o livro de repórter, conceito trabalhado por Beatriz Marocco, Ângela Zamin e Márcia Veiga da Silva:

> A perspectiva conceitual do livro de repórter, em nosso entendimento, ressalta que – para além do exercício de apuração e escrita – a experiência é assumida como elemento vivo na construção apresentada pelo jornalista, dando a ver processualidades específicas do ofício; em alguns momentos, discutindo-as (Marocco; Zamin; Veiga da Silva, 2019, p. 161).

Os textos selecionados abordam a tratativa do trabalho jornalístico em níveis atômicos, desde o básico para a construção da atividade até relatos dos bastidores do próprio trabalho, partindo do pressuposto de que, para aprender sobre o jornalismo, é preciso escutar jornalistas. Edvaldo Lima explora a evolução e os fundamentos da reportagem como gênero jornalístico, ao passo que as autoras Beatriz Marocco e Ângela Zamin contribuem para a construção e definição do formato livro de repórter. Nelson Traquina, por sua vez, contribuiu com seus estudos e análises centradas no ethos jornalístico e nas singularidades da profissão.

As seções deste memorial dissecam a discussão e construção que marcam cada etapa de produção acerca do livro. Em primeiro lugar, foi necessário retomar as mudanças, evolução e surgimento de novos gêneros jornalísticos ao longo do tempo. A necessidade de criação de relatos mais extensos e detalhados sobre a notícia no jornalismo deu vida às reportagens. O

novo gênero passou a exigir mais dos profissionais quanto à sua elaboração, já que passou a trazer informações mais robustas e completas na construção da narrativa. O cotidiano do jornalista agora traz desafios para a execução de suas atividades, e essas dificuldades enfrentadas nos bastidores tornaram-se também objeto de pesquisa e eixos de reportagens. Um exemplo é justamente o surgimento do livro de repórter, que oferece a possibilidade de comentar o trabalho jornalístico simultaneamente à sua criação.

Nas seções seguintes, é proposto um mergulho na prática jornalística. A estruturação deste relato começa com a organização do que precisava ser feito e levantado para dar início à produção. O contato com as fontes e conhecer as pessoas cujas histórias serão contadas, a metodologia aplicada nas entrevistas e a escrita do livro de fato são elementos que constituem a narrativa do livro de repórter. E ainda, os bastidores do desenvolvimento do livro, os problemas enfrentados, as alegrias sentidas e os resultados alcançados.

A diagramação e a estética do produto também são discutidas aqui. Elas foram pensadas para que, no livro, o principal sejam as histórias – mas que a obra não deixe de ser visualmente interessante. Ao final, são oferecidas reflexões acerca do trabalho realizado e dos relatos dos jornalistas participantes. A expectativa para este produto é a de que ele possibilite uma leitura útil para outros estudantes, profissionais da área e demais pessoas que possuam dúvidas sobre o trabalho jornalístico. E também que, por meio dele, outros jornalistas se vejam contemplados a partir das histórias que compartilham.

2. DA NOTÍCIA À REPORTAGEM

A reportagem surge no jornalismo como um recurso para ampliar as notícias de uma forma mais detalhada e aprofundada, fugindo da configuração da escrita jornalística apenas informativa. Foi definida por Edvaldo Lima (2009) como "a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual." (Lima, 2009, p. 18).

Apesar de serem frequentemente confundidas, a reportagem e a notícia se diferem quanto ao acontecimento e fato respectivamente. Segundo Laura Márcia Magalhães de Oliveira e Lia Seixas (2011), a diferença pode ser observada de acordo com o ponto de partida de cada formato:

> (...) a base da notícia é o fato e a base da reportagem é o acontecimento, que permite a esta um maior aprofundamento da realidade em oposição à fragmentação típica da notícia, por isso que em reportagens geralmente há, além do texto principal, infográficos, imagens, box e cronologia dos fatos. (Oliveira; Seixas, 2011, p.3).

Outra disparidade entre os gêneros é a característica temporal. As notícias são constituídas de fatos que devem ser relatados imediatamente, pois possuem urgência na publicação do ocorrido. Caso contrário, perdem sua principal característica, que é a de informar. A reportagem, por outro lado, carrega o entendimento do acontecimento com maior profundidade e riqueza de detalhes. Um exemplo do cotidiano em que notícia e reportagem podem aparecer quase em conjunto é nos grandes acidentes de trânsito. A notícia chega primeiro, com o objetivo de informar sobre o acidente imediatamente e trazer ao leitor ou espectador poucos detalhes. Já a reportagem aparece poucos dias ou até mesmo horas depois, com os desdobramentos do acidente, as vítimas envolvidas, o motivo do ocorrido, o local e as atualizações sobre o fato. Como explicam Oliveira e Seixas: "Reportagem e notícia têm direcionamentos técnicos diferentes e também diferentes funções. Se a finalidade básica da notícia é informar, a reportagem pode, além disso, fazer conexões entre fatos e explicar uma situação." (Oliveira; Seixas, 2011, p. 4).

Edvaldo Lima (2009) explica que "a reportagem, como gênero, pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia" (Lima, 2009, p. 24). O repórter é, assim, a pessoa responsável por ir a campo e coletar as informações, a fim de redigir um texto capaz de levar o público a vislumbrar os detalhes de um acontecimento relatado. Durante a Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865), os repórteres tiveram um papel fundamental para que a população acompanhasse as notícias e os desdobramentos da guerra. Os profissionais

desenvolveram novas técnicas de trabalho, como a descrição dos cenários nas abordagens, a utilização de testemunhas oculares e o uso de múltiplas fontes, que passaram a trazer mais pontos de vista sobre um mesmo assunto (Traquina, 2005).

As reportagens começaram a circular com mais frequência, ganharam mais espaço nos jornais e passaram a atrair o público, consolidando-se como um grande gênero jornalístico. Aos poucos, passaram também a evidenciar certas especificidades de acordo com o formato da história e com o tipo de escrita do repórter ou do veículo em que o texto era publicado. Deu-se início, assim, a novos modelos de reportagem, como aqueles citados por Edvaldo Lima, que recorreu a Muniz Sodré e a Maria Helena Ferrari para estabelecer esses formatos da seguinte maneira:

> 1. a reportagem de fatos (fact-story) volta-se ao "[...] relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma da pirâmide invertida"; [...] os fatos são narrados em sucessão, pela ordem de importância";
>
> 2. a reportagem de ação (action-story) cuida do relato de uma maneira movimentada, começando "[...] sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes", de tal sorte que o leitor "[...] fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme";
>
> 3. e a reportagem documental (quote-story), cujo relato é acompanhado "[...] de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado", ao mesmo tempo em que se apóia "[...] em dados que lhe conferem fundamentação". (Lima, 2009, p.25).

Os modelos especificados por Lima inserem-se, todos eles, no campo do jornalismo interpretativo – esse que, de acordo com o autor, preocupa-se em oferecer ao público instrumentos para compreender melhor o tempo em que se vive, assim como as "as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro" (Lima, 2009, p.19). Nesse sentido, o repórter vai elucidar "aspectos que em princípio não estão muito claros", na tentativa de "preencher os vazios informativos" (idem).

Ou seja, a reportagem é um gênero que proporciona maior riqueza de detalhes temporais, antecedentes do acontecimento, assim como suas consequências. Por isso mesmo exige maior tempo de criação – um tempo diferente do ritmo de produção imediato das redações na verificação dos acontecimentos diários. Trata-se de uma apuração mais adequada a temas em geral mais complexos, e que costumam trazer um volume de informações maior. Dessas demandas surge a grande reportagem. Edvaldo Lima a define como "aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula

convencional do tratamento da notícia" (Lima, 2009, p.18). A grande reportagem possui, portanto, um estilo mais livre de escrita para o autor e foge das configurações jornalísticas tradicionais.

É possível dizer, deste modo, que as reportagens são grandes relatos – em extensão e em profundidade. São textos não raras vezes marcados por temáticas de relevância social e que se desenvolvem a partir de técnicas próprias do jornalismo investigativo, com recortes espaciais e temporais bem definidos.

2.1 REPORTAGENS SOBRE REPÓRTERES

A todo o tempo os jornalistas são observadores. Eles precisam captar as informações de um jeito ou de outro, seja com a ajuda de uma lente da câmera ou das anotações em celulares, tablets ou, ainda, nos antigos bloquinhos de papel com o intuito de descrever e entregar um bom material. Atualmente, os meios de comunicação noticiam e fazem a cobertura de diversos assuntos – os mais variados para todo o tipo de público. Dessa forma, os profissionais precisam estar em constante processo de adaptação em relação à forma e ao local de trabalho. Os repórteres estão sempre transitando pelas ruas das cidades, investigando e observando as coisas ao redor. Uma simples volta pelo quarteirão pode gerar uma pauta.

O dia-a-dia dos jornalistas é marcado por variados dilemas – geralmente impasses próprios da profissão. De acordo com Traquina (2005), o jornalismo é marcado por elementos muitos particulares e essenciais a essa atividade, tais como liberdade, credibilidade, verdade, honestidade, imparcialidade e objetividade. É preciso perseguir essas singularidades, mesmo aquelas que, segundo o autor, são reconhecidamente inalcançáveis em sua plenitude – caso da imparcialidade, por exemplo, uma vez que o discurso jornalístico, tal como qualquer outro discurso, faz-se a partir de perspectivas próprias (e, portanto, subjetivas).

Exatamente em função dessas características, trata-se de uma atividade que requer, por parte do profissional, a disposição de carregar as responsabilidades decorrentes de uma profissão que se ocupa de contar a história do outro, a história de certos acontecimentos, lugares e situações. A jornalista Eliane Brum, por exemplo, diz que sua consciência jornalística está presente no modo como executa a profissão: "Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história em movimento. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão com respeito à palavra exata." (Brum, 2008, p. 14).

Os desafios enfrentados pelos repórteres não são poucos. A correria própria da redação e os prazos curtos, o surgimento de coberturas inéditas, o perfil diversificado das fontes e a necessidade do cuidado na observância da ética ao escrever sobre os assuntos pautados (principalmente os mais delicados) – sem contar as dificuldades relacionadas ao constante sucateamento da profissão – estão sempre presentes nos bastidores da produção das notícias. A isso o público não tem acesso. Por isso mesmo é importante, para as sociedades, que o trabalho jornalístico seja melhor compreendido em suas nuances. É nesse sentido que as reportagens já elaboradas sobre o cotidiano de repórteres são relevantes. Esse tipo de história costuma quebrar o paradigma de que o jornalismo é uma profissão glamourosa e traz à tona os reais desafios da profissão.

Em 25 de abril de 1995, o programa *Profissão Repórter* estreou na TV aberta pelo canal da TV Globo, sob a direção do jornalista Caco Barcellos. O objetivo do programa, produzido até os dias de hoje, é levar ao público não apenas notícias, mas também os bastidores dessa notícia (os desafios da reportagem e as rotinas que marcam essa profissão). No decorrer dos episódios, pautas investigativas são trabalhadas, principalmente aquelas que dizem respeito a temas que despertam o interesse do cidadão comum, tais como questões relacionadas à educação, saúde, meio ambiente, entre outros. Em entrevista à apresentadora Ana Maria Braga, no dia 4 de novembro de 2022, para o programa *Mais Você* da rede Globo, Caco Barcellos contou que o *Profissão Repórter* foi criado a partir da necessidade de ir até onde os jornalistas não costumam ir (ou iam com pouca frequência devido ao ritmo acelerado de produção das redações). Durante a entrevista Caco Barcellos afirmou : “ Quando a gente vai para a rua, ou chega na casa das pessoas a gente pede o seguinte ‘eu gostaria muito de conhecer a sua história’, não gostaria de apenas ouvir você contar a sua história, a gente gostaria que você mostrasse a sua história” (Barcellos, 2022).

Programas e matérias fundados nessa perspectiva da metalinguagem – narrativas jornalísticas para falar de jornalismo – inspiram o produto ao qual esse memorial se refere. Trata-se de um livro cuja intenção é mostrar a trajetória e os desafios que marcaram o percurso de alguns jornalistas.

2.2 LIVRO DE REPÓRTER

Ao longo de muitos anos, os fiéis escudeiros de um repórter foram o bloco de notas e uma boa caneta. Para os mais modernos, celulares avançados e tablets. É preciso recorrer a instrumentos adequados para registrar detalhes de um acontecimento, de uma situação, de uma conversa com alguma fonte. Ou, ainda, informações que demandam investigações mais à frente, seja na redação ou fora dela. O importante é ser fiel ao fato que se pretende narrar. Em 2019, uma pesquisa organizada por Beatriz Marocco, Ângela Zamin e Márcia Veiga da Silva (2019) demonstrou que as particularidades e características muito próprias do trabalho de diferentes jornalistas estão frequentemente presentes naquilo que se convencionou chamar de "livro de repórter". São livros escritos por profissionais da reportagem sobre a atividade jornalística e suas nuances. Alguns profissionais investiram nisso de forma especial – caso, por exemplo, dos repórteres Caco Barcellos, Eliane Brum, José Hamilton Ribeiro, Elvira Lobato, Fernando Morais, Franklin Martins, Ricardo Kotsho e Samuel Wainer, entre muitos outros.

Marocco, Zamin e Silva (2019) reuniram jornalistas e realizaram entrevistas e enquetes com a finalidade de compreender melhor o papel cumprido por esse tipo de obra. Nesse trabalho, as autoras citam Gumersindo La Fuente, para quem o "saber jornalístico está em livros de bons jornalistas, não em livros de teóricos do jornalismo. [...] Qualquer estudante de jornalismo aprende mais [neles] do que lendo qualquer livro de teoria da redação jornalística. Estou absolutamente certo disso" (La Fuente *apud* Marocco, Zamin e Silva, 2019, p. 28). O consumo do conteúdo desses livros evidenciou-se um momento importante de aprendizagem no universo jornalístico – para as pessoas que estão na graduação, mas também para profissionais interessados em aperfeiçoar a prática a partir da experiência do outro.

O livro de repórter revela-se, assim, como um produto capaz de oferecer a concretização de um saber – que pode ou não oferecer, também, uma escrita crítica do fazer jornalístico. Para Marocco (2019), "o livro de repórter evidencia a existência de um jornalista que critica a prática e, ao mesmo tempo, pode criar um modo de produção autoral e a materialização de saberes nos livros que escreve" (Marocco, 2019, p. 37). É pelo aspecto da subjetividade, segundo a autora, que o livro de repórter se diferencia dos livros-reportagem e de outros textos jornalísticos (como a reportagem em si e a notícia diária, entre outros gêneros).

As autoras ressaltam, nessa abordagem, que o jornalista que produz um livro de repórter precisa seguir por um caminho que não o leve para a clássica premissa de imparcialidade dentro

do jornalismo. É um processo em que é preciso admitir seu papel como observador e, ao mesmo tempo, participante da história contada:

> Em oposição à noção de verdade e objetividade positivista, predominantes na deontologia do jornalismo, o sujeito-repórter aparece na narrativa destes profissionais como elemento fundamental no processo cognitivo de interpretação da realidade. Percebe-se a possibilidade do rigor do método sem que a prática se restrinja ao cumprimento tecnicista, burocrático e à superfície dos acontecimentos. Ao refletirem sobre suas práticas, os jornalistas autores e autoras de livros de repórter descrevem corpo, a intuição, a sensorialidade como parte intrínseca aos procedimentos e métodos relativos às práticas jornalísticas desempenhadas. Dão a ver a dimensão subjetiva, a existência de um Eu que participa do processo de construção do Outro. (Marocco; Zamin; Veiga da Silva, 2019, p.43).

Logo, o livro de repórter é, por vezes, uma crítica das práticas jornalísticas exatamente por introduzir o repórter na narrativa como alguém que participa da construção do outro. Não se trata mais somente de um profissional que observa, apura e publica o produto final. No formato do livro de repórter, as práticas podem ser caracterizadas como formas de refletir sobre o próprio jornalismo e sobre a maneira como ele é colocado em prática, conforme destacado por Zamin (2011):

> Em tais livros, os repórteres narram a construção da reportagem e, ao fazer isso, desvelam as práticas – quer de apuração, de observação ou de coleta de dados – e tecem comentários ao elaborarem formulações para além do que está cristalizado no âmbito do saber jornalístico. Deste modo, tomados como objetos de estudo, os "livros de repórter" suscitam questões que permitem problematizar o regime das práticas e complexificar a compreensão do próprio jornalismo. (Zamin, 2011, p.394).

O livro de repórter possibilita, desta forma, maior reflexão sobre os acontecimentos pautados, oferecendo reflexões sobre informações, histórias e indivíduos que, no jornalismo tradicional e diário, são muitas vezes excluídos do produto jornalístico em razão da eterna busca pela verdade. Os relatos procuram apresentar detalhes que ficam de fora da quantidade limitada de caracteres do jornal ou do site em que o material será publicado. Como observam as autoras, "o livro de repórter materializa a experiência que havia sido sonegada nos jornais e que incide sobre as práticas jornalísticas" (Marocco; Zamin; Silva, 2019, p. 36).

É em função desses aspectos que o livro de repórter também se difere do livro-reportagem pelo tipo de abordagem e por ser concebido de forma distinta, a partir da análise de um texto preexistente, conforme destacado por Marocco:

> O livro de repórter, diferentemente do chamado “livro reportagem”, contém um tipo de texto que se ocupa do jornalismo para dele elaborar outro texto que oferece o desvendamento de certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos, em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa do que é considerado jornalismo (Marocco, 2011, p. 5).

Por possuir essas características narrativas singulares o livro de repórter foi o gênero escolhido para o desenvolvimento do produto aqui apresentado. O livro é um compilado de histórias de repórteres e jornalistas sobre a profissão, a carreira acadêmica e os desafios do fazer jornalístico. Os participantes são convidados a refletir sobre a atividade de maneira crítica e sobre o seu próprio papel na sociedade. As opiniões e experiências coletadas por meio das entrevistas realizadas com os profissionais aqui elencados trazem uma pluralidade de vozes capaz de contribuir para o melhor entendimento do cotidiano vivenciado por esses profissionais e um conhecimento mais aprofundado no que se refere à rotina de trabalho e aos desafios que eles abraçaram. A pergunta que se repete é: "o que é ser jornalista?”.

3. PAUTA ESTENDIDA

A intenção desse produto é contribuir para um melhor conhecimento sobre o trabalho jornalístico em sua essência. Por isso o ponto de partida deste livro foi me assumir como uma repórter que investiga o dia-a-dia, a trajetória de vida, as aspirações, os incômodos e os desafios que marcam a vida de outros repórteres. Assim, decidi que minhas fontes seriam jornalistas dispostos a refletir sobre essa profissão. A ideia é que esses profissionais tivessem espaço para contar sobre suas experiências no campo jornalístico, sobre os caminhos percorridos, sobre seu crescimento como profissional e sobre os bastidores da profissão.

A partir disso, precisei elaborar as perguntas que trouxessem respostas para os questionamentos do livro, todos eles fundados nos bastidores do trabalho de um jornalista. As perguntas funcionaram como eixos indispensáveis para o direcionamento das entrevistas. Em um primeiro momento, os convidados foram apresentados a questões mais básicas para que eu conhecesse um pouco mais de cada um. Com as primeiras informações coletadas, pude travar diálogos mais aprofundados, na tentativa de, gradualmente, conquistar a confiança dessas fontes.

Um dos principais objetivos do produto foi fazer com que os participantes se sentissem à vontade para contar suas histórias e experiências vividas como jornalistas. As perguntas abrangiam temas que iam desde a formação acadêmica de cada um até os episódios mais tensos como profissionais. Embora inicialmente as questões fossem as mesmas para todas as pessoas entrevistadas, as respostas de cada um levaram a conversa para lugares diferentes. A partir dessas respostas, obtive variadas histórias e relatos baseados em temas diversos, já que cada profissional atuou em diferentes cenários e contextos dentro do jornalismo. Ao mesmo tempo, observei depoimentos bastante similares, especialmente durante a abordagem sobre situações desafiadoras para jornalistas.

Importante salientar, portanto, que a escuta ativa foi um importante elemento no percurso metodológico deste trabalho. Foi preciso estabelecer uma conexão com fontes que, em geral, estão habituadas a ouvir o depoimento do outro, e não a falar sobre si mesmas e suas respectivas trajetórias. Contudo, os participantes deste produto estavam abertos ao compartilhamento, o que facilitou esse percurso. Aprendi, nesse processo, que a escuta ativa não significa apenas ouvir com cuidado o que as pessoas têm a dizer, mas também estabelecer interações capazes de motivar aquele que fala, como destacam Amélio e Martinez :

> Participar ativamente implica raciocinar, tentar descobrir, influenciar, contribuir para o que está sendo exposto. Pressupõe correr os riscos de expor a própria posição, tentar ajudar a descobrir um mistério, construir um conhecimento, modificar a percepção ou a atitude do parceiro. Essa postura ativa demanda muito mais do que fazer sim com a cabeça, sorrir, emitir sinais de que está entendendo, está interessado, se divertindo, se indignando ou se surpreendendo com o se está sendo dito. O resultado para quem a adota é uma forma motivadora de participação, tanto para o ouvinte como para o falante (Amélio; Martinez, 2005, p.99).

Com as entrevistas, pude reunir as percepções das fontes e me propor a responder às principais questões que permeiam a criação deste trabalho. A escolha do formato de escrita das entrevistas foi feita depois que conversei com todos os participantes. Como o volume de relatos foi muito extenso e as respostas amplas, o formato pingue-pongue foi descartado.

Com a ajuda de colegas e professores, busquei diferentes jornalistas para que as conversas pudessem partir de experiências variadas, como já mencionado aqui. Dessa forma, escolhi profissionais com carreira consolidada, mas também aqueles recém-formados e também trabalhadores que hoje atuam em outras áreas da comunicação. Depois dessas escolhas, fiz pesquisas sobre a carreira de cada um, sobre os trabalhos já realizados, livros escritos, trabalhos publicados, e reuni informações para fazer as entrevistas e conhecer um pouco mais cada fonte.

Maurício Lara é um jornalista mineiro natural da cidade de Esmeraldas, na região metropolitana de Belo Horizonte, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1986. É um profissional de carreira extensa, com atuações em diversas áreas dentro do jornalismo. Já trabalhou em jornais impressos, rádio, televisão, assessoria de imprensa, foi professor do curso de jornalismo da PUC Minas durante 15 anos e possui 12 livros publicados. Hoje, com 72 anos, é diretor do Instituto *Ver – Pesquisa e Comunicação*, atuando diretamente com o público em pesquisas de opinião.

Mariana Assis é jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto. Aos 25 anos, natural de Mangaratiba, no Rio de Janeiro, atua hoje como repórter política em Brasília no jornal *Valor Econômico*. Trabalhou como *freelancer* para o Jornal *El País Brasil*, foi repórter política no *Estadão* e produtora na *Globonews.* Durante a graduação, atuou como pesquisadora e participou da produção do jornal comunitário *Voz da Comunidade*, que conta a história do dia a dia dos jovens moradores da periferia do Rio de Janeiro.

Pedro Cortella, formado em 2007 pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é um jornalista que já trabalhou como repórter, editor de texto e jornalista esportivo. Pós-graduado em Marketing, seguiu outros caminhos na comunicação. Aos 41 anos, é CEO da plataforma *Saber Ampliado* e fundador da *Agência Sophya, onde* atua como estrategista digital, com especialização em gerenciamento de autoridades nas redes sociais, e oferece palestras e cursos sobre o uso ético das redes sociais.

Cíntia Soares, formada em jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto em 2022, atua na assessoria de comunicação da Prefeitura de Ouro Preto como coordenadora dos conteúdos divulgados nas mídias sociais do município. Pesquisadora, atuou em diversos projetos durante a graduação, entre eles a produção e direção do documentário autobiográfico *Elos: traduzindo o intraduzível*.

Rodrigo Freitas é natural de Contagem, também na região metropolitana de Belo Horizonte, e é graduado pelo Centro Universitário Estácio de Sá. Atua como jornalista há 20 anos, acumulando experiências diversas e já passou por quase todas as áreas do jornalismo, como televisão, rádio e jornal impresso. Hoje atua em outra área da comunicação, como subsecretário de Comunicação da Prefeitura de Contagem.

3.1 BASTIDORES

Comecei a escrever este capítulo aos prantos, com a sensação de que não fosse conseguir transformar todas as entrevistas e conversas que eu tive em um bom livro. Faz parte dos bastidores do processo de produção a angústia e o pensamento de que não estamos fazendo um bom trabalho. Existe um processo de pressão quando produzimos um material e escrever um livro, na verdade o meu primeiro livro (nunca imaginei que seria capaz disso) é um desafio grande. Imenso. Às vezes maior que eu.

Escrevi páginas e mais páginas sobre o jornalismo no produto ao qual este memorial faz referência, foram centenas de linhas de histórias de jornalistas, suas felicidades, realizações e desafios. Não exponho essas palavras para se caracterizarem como a jornada do herói (Campbell, 2009), em que preciso ter um problema para conseguir superá-lo, mas sim para contar um dos meus maiores desafios como jornalista. E talvez o da minha geração de profissionais também.

A construção da nossa carreira e da nossa credibilidade como jornalista nos dias de hoje é hoje é bem diferente de décadas atrás (que também não era fácil). Fico tentando fazer mil coisas e aprender mais mil ao mesmo tempo porque isso é exigido dos profissionais de comunicação hoje em dia em um tempo muito curto. Em segundos um acontecimento vira notícia, em uma semana reportagem, que se espalha pelo país inteiro e pelo mundo. A gente precisa dar conta dessa enxurrada de informações e ainda no *tsunami* de notícias falsas e sensacionalistas que chegam até nós. Parece que qualquer pessoa alfabetizada ou com um telefone na mão pode dar uma notícia e construir uma narrativa minimamente aceitável. Isso resulta em acusações, exposição e inverdades desastrosas circulando nas mídias.

No nosso mundo globalizado, as notícias voam a jato sem tempo sequer de reunir informações suficientes do ocorrido, notícias falsas são publicadas e as correções ou as provas de que são inverdades vem em passos de tartaruga. A credibilidade dos jornalistas está abalada devido aos anos de manipulação de informações e da interferência política, principalmente no Brasil de hoje. Jornalistas são desrespeitados todos os dias, já acompanhei tantos casos que nem tenho mais dedos para contar. Essas são algumas questões que a geração emergente de jornalistas enfrenta. Muitas incertezas são sentidas, mas o livro deste memorial traz verdades contadas por colegas de profissão, suas palavras contam a importância das histórias.

Para chegar até os escolhidos, usei ferramentas específicas de contato, majoritariamente e-mail, redes sociais e telefone celular. Em meu primeiro contato, enviei uma mensagem

explicando sobre o projeto do livro e fiz o convite para que participassem. Assim, as entrevistas foram feitas, todas de forma remota, com o auxílio da ferramenta de conferências online *Google Meet*, que consegue captar áudio, vídeo e oferece a opção de gravar a entrevista, que durou entre uma a duas horas, em média. Além de fazer a gravação de tela, também utilizei papel e caneta para registrar e destacar momentos e falas importantes dos jornalistas.

A escolha por entrevistas online pode ser resumida em uma palavra: distância. Não foi possível encontrar-me pessoalmente com nenhum dos entrevistados devido à distância entre as cidades em que residimos e a impossibilidade de fazer viagens para conversar pessoalmente, já que isso exigiria um alto custo de investimento.

Com as entrevistas finalizadas, para começar a narrativa do livro, precisei pensar em um eixo que de certa forma ligasse as histórias, que fosse um ponto em comum dos entrevistados, mas sem ficar uma narrativa forçada e sem verdade. Percebi, ao longo dessa escrita, que todos gostaram da experiência de ser repórter. Apreciam muito esse ofício. Tanto que a maioria das respostas para as perguntas sobre jornalismo, feitas durante as entrevistas, vieram de experiências na feitura de reportagens. Foi dessa forma que decidi como desdobraria as histórias.

Uma outra decisão a ser tomada seria a de organização dos relatos, quem viria primeiro? Quem viria por último? Como eu decido a ordem? Seria melhor escrever todas as histórias e separá-las depois? Em um primeiro momento, pensei em ordená-las de acordo com a semelhança com o capítulo do jornalista seguinte, mas essa ideia logo não fez sentido já que todos são jornalistas e teriam semelhanças entre eles, mas ao mesmo tempo são pessoas muito diferentes entre si. Diferença de geração, experiências de atuação e de vida. E foi nas diferenças que encontrei o tão esperado "fio da meada". Costumo chamar assim a porta de entrada ou a ideia inicial do meu processo de escrita, é o pontapé para as coisas se encaixarem na narrativa a ser construída.

Decidi, então, organizar os capítulos – que estavam em pleno processo de produção – de acordo com o tempo de experiência de cada jornalista, de modo que o profissional com mais tempo de carreira abrisse a obra. Os demais seguiriam essa lógica, até que se chegasse à Cíntia, com formação mais recente. A ideia é que essa ordenação deixasse mais perceptível, ao longo do livro, os diferentes modos de enxergar o jornalismo, conforme o tempo de cada um na prática do dia a dia. A forma com que o fazer jornalístico se desdobra perante as novas gerações e as nuances de cada jornalista participante, que possuem maneiras diferentes de trabalhar, agregada a essa pluralidade de relatos, é responsável por responder as perguntas que emergiram da minha inquietação inicial: "O que é ser jornalista?". Tudo isso resultou na organização final do livro,

que começa com o relato de Maurício Lara, seguido de Rodrigo Freitas, Pedro Cortella, Mariana Assis e Cíntia Soares.

O primeiro parágrafo é sempre o mais difícil. O último é um alívio e uma dúvida "será que é suficiente?". Nos primeiros parágrafos de cada capítulo introduzi alguma característica específica do jornalista entrevistado, algo que foi destaque em alguma conversa ou um elemento marcante do trabalho do profissional. Dessa forma, ficou mais personalizado. Depois, já começo a contar as histórias que me foram passadas através das respostas, nem toda entrevista seguiu uma forma linear porque existiram relatos que foram sendo lembrados, muitas vezes durante as entrevistas os participantes se recordaram de coisas muito anteriores ou muito posteriores ao assunto em discussão. A ordem cronológica dos fatos foi de acordo com as conversas, não são 100% na ordem em que aconteceram, mas na ordem em que fizesse mais sentido ordená-las.

Eu tive muita sorte. Sorte nas escolhas das fontes. Posso afirmar com certeza que não tive problemas com nenhum dos cinco jornalistas até o momento. Não sei se o fato de serem jornalistas gerou uma compaixão por já terem sofrido bastante com fontes difíceis de lidar, mas todos sem exceção foram extremamente educados, simpáticos e solícitos em todo o processo de produção. Desde o contato inicial, até a conversa durante a entrevista e as solicitações que fiz posteriormente. Uma das dificuldades que temi no processo de criação do livro foi justamente o de relacionamento com as fontes, que é um problema muito recorrente na vida de todo profissional e esse eu não tive**.**

Um desafio pessoal que enfrentei durante o processo foi a greve das universidades federais durante a produção. Isso fez com que eu precisasse "congelar" o projeto e, depois, foi difícil retomar o ritmo – pois mudei de cidade e comecei a atuar em outro trabalho, com horários mais apertados. Era difícil contactar as fontes novamente. A minha mudança de cidade também contribuiu para que não fosse possível realizar as entrevistas pessoalmente (o que foi um pouco frustrante).

Como as entrevistas foram feitas remotamente, não consegui registros fotográficos desses diálogos para inserir no produto final. como havia planejado em um primeiro momento – e isso me fez alterar também o plano inicial sobre a estética do livro.

4. PROJETO GRÁFICO

As coisas simples sempre me encheram os olhos. Simples não quer dizer sem detalhes e sem beleza, mas, sim, o necessário. Por ser um livro de repórter, acho que esse estilo está de acordo com o dia-a-dia do profissional de imprensa, que busca contar uma história que ele testemunha – sobre a qual não tem controle. Quanto ao formato, escolhi o digital *eBook*, pois é mais acessível, para a criação do design da capa do livro utilizei o aplicativo Adobe Illustrator e para a diagramação utilizei o Canva. No que se refere à tipografia, pensei numa fonte de fácil leitura, que não confunda o leitor com o formato das letras e símbolos. Assim, para a versão final da capa usei a fonte Haettenschweiler que tem as letras um pouco mais alongadas e deu o efeito da diagramação para a cara que era o objetivo, e a fonte Myriad para complementar de maneira mais suave. O restante do livro, os títulos, subtítulos e texto, escolhi a fonte Muli porque é simples e moderna.

Quanto às cores, escolhi tons neutros que se camuflam nas histórias presentes nas páginas. As cores são: Preto absoluto (# 000000), branco (#FFFFF) e marsala (#581d22). Esses três tons trabalham bem entre si e deixaram o livro harmonioso sem exageros visuais. A capa a princípio seria simples apenas com o título, pensada para que o conteúdo se destacasse de acordo com a leitura, dessa maneira cheguei a primeira versão de capa:

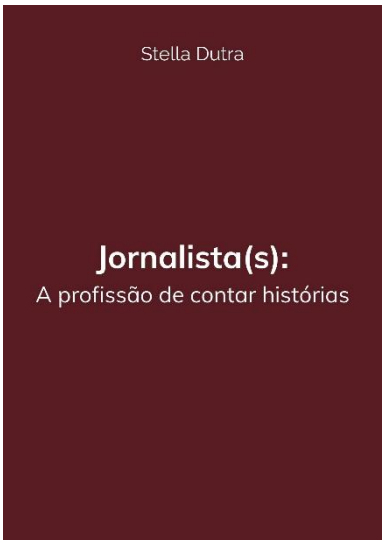

Figura 1 – Imagem da primeira versão de capa para o livro.

A partir desta primeira opção de capa, decidi fazer algo mais detalhado e que trouxesse mais beleza para o livro. Fui brincando com as letras, fiz muitos testes utilizando o Illustrator e fiz um destaque em que elas se entrelaçam, assim como as histórias do livro. Dessa maneira, o design da capa se assemelhava ao conceito de histórias presentes no produto. Cheguie, assim, à segunda versão de capa:

Figura 2 – Imagem da segunda versão de capa para o livro.

Nesse segundo modelo, a letra “O” , da primeira palavra do título, estava dentro das letras “J” e “R”. Particularmente, gostei do resultado, mas ainda parecia um pouco confuso. Então voltei a fazer outros testes, mas com a mesma ideia de letras entrelaçadas. Finalmente cheguei à terceira e última versão de capa, que foi a escolhida para o livro:

Figura 3 – Imagem da terceira versão de capa para o livro.

Opto por coisas simples e básicas, não gosto de estampas nem muitas cores. Logo, não faria sentido investir em um design vibrante (ou muito elaborado), que não conversasse com aquilo que eu imaginava para a obra.

Para o início de cada capítulo, adicionei o título em uma página, com o tom de marsala da capa, para que quebrasse um pouco a sequência de páginas brancas e sinalizasse, com um elemento a mais, o início de cada entrevista. Seguindo a ideia de adição de cores, determinadas falas dos participantes foram incluídas com o mesmo tom de marsala, de maneira a dar destaque ao depoimento. O texto também foi alinhado ao centro, de forma que ficasse mais em evidência em relação aos demais parágrafos. Minha pequena experiência como designer gráfico, durante um estágio, me proporcionou conhecimento para essa diagramação e produção do *Jornalista(s): a profissão de contar histórias.*

Outro detalhe importante nesse projeto gráfico foi a adição de algumas imagens e fotos enviadas pelas fontes. Os desafios, aqui, foram muitos, já que todas elas estavam com qualidade e dimensões diferentes. Precisei tratá-las para que ficassem mais nítidas, mais claras e com mais qualidade para serem inseridas nas páginas. Mesmo assim, algumas funcionaram bem – e outras nem tanto. Um exemplo foi uma fotografia retirada da Revista CNT Transporte atual - Edição 160 de 2008, em que o jornalista Maurício Lara recebia o prêmio CNT de jornalismo de 2008. A imagem é antiga e pouco nítida. Precisei fazer uma leve edição para que ficasse mais legível:

Figura 4 –Foto inserida no livro antes de edição.

Figura 5 –Foto inserida no livro após a edição.

Cada imagem foi um caso à parte. Procurei referências visuais de diagramação de imagens em revistas e sites para conciliar o espaço com as formas, a fim de encontrar a harmonia visual e um encaixe perfeito entre páginas e imagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que tive muitos problemas até que, finalmente, escolhesse o tema do meu trabalho de conclusão de curso. E, no final, não poderia ter sido diferente: escolhi falar sobre jornalistas, mais especificamente sobre os repórteres. Às vezes acho que vivo como repórter desde que aprendi a falar e, depois, a ler e a escrever. Estava sempre observando tudo e passando as informações adiante. Nunca fui, por exemplo, o tipo de criança que fantasiava, que mentia ou inventava. Meu compromisso sempre foi aquilo que acontecia de verdade (e até já me prejudiquei por levar a sério demais essa inclinação a sempre dizer somente aquilo que testemunhei, ou que efetivamente aconteceu). Por isso, acho que sempre fui atraída pelo jornalismo, sempre caindo na (boa) armadilha de querer saber sobre todas as coisas e percebendo o quanto eu não sabia (e não sei) nada.

Durante minha graduação, tive contato com pessoas de alguns cantos do Brasil e de diferentes realidades. Participei do processo de produção de notícias, reportagens, entrevistas e muitas apurações. E sempre que faço a leitura de uma reportagem bem escrita e de tirar o fôlego, fico imaginando os bastidores da produção. Que caminhos um jornalista percorre até o produto final? Quais são as fases? Como se dá o relacionamento com as fontes e demais questões que possam surgir? O objetivo do livro foi responder a essas perguntas.

Dar vida a este produto foi a minha maior realização como jornalista até o momento. As inspirações para a criação do *Jornalista(s): a profissão de contar histórias* começaram a partir de livros-reportagem incríveis que tive contato dentro e fora da universidade. Uma dessas obras, em especial, eu li ainda no primeiro semestre do curso e foi muito marcante para minha formação como jornalista. *O nascimento de Joicy*, da jornalista Fabiana Moraes, foi desenvolvido após a repercussão de sua reportagem de mesmo título no *Jornal do Commercio* de Recife, em 2011. Lembro da sensação de terminar a leitura e ficar estática. Eu soube que era o que queria fazer: escrever histórias sobre a vida das pessoas. Queria conseguir um dia (se eu tiver a sorte e o privilégio) escrever tão bem quanto os jornalistas que admiro.

Este produto revela o trabalho dos bastidores de alguns jornalistas. O processo que precisa ser percorrido para que a reportagem, matéria ou cobertura chegue até as mãos do público. São as histórias que a gente não publica. Igualmente aos desafios contados pelos participantes do livro, também passei por problemas durante a execução: escrevi páginas que foram direto para a lixeira porque perderam o sentido quando o livro foi tomando forma,

entrevistas precisaram ser repetidas para que os relatos fossem mais completos, corri contra o tempo para a entrega dos prazos e cheguei a perder algumas captações de áudio das conversas.

A parte mais difícil da produção foi começar e definir o ponto de partida, mas, a partir daí, tudo fluiu, e os textos foram escritos com mais facilidade, pois a estrutura principal foi definida no ritmo das entrevistas. Um dos principais cuidados que tive que tomar foi com a escuta e isso está diretamente ligado à responsabilidade (que julgo grande) de ouvir e construir os relatos que me foram contados. São histórias da vida de pessoas e do trabalho delas. Eu não pude simplesmente escrever um texto que as expusesse demais ou que comprometesse qualquer um dos participantes sob qualquer aspecto. A necessidade de atenção à ética no jornalismo, um dos assuntos mais citados ao longo do livro, foi vivenciada por mim na prática.

Olhando agora, meu maior aprendizado com a criação deste produto foi perceber a importância das histórias e, principalmente, da possibilidade de contá-las. Quase tudo é história. Aprendi com as experiências compartilhadas pelos jornalistas que aceitaram o convite de fazer parte deste livro com tanto carinho. Ao longo de quatro anos frequentando a Universidade Federal de Ouro Preto, descobri que a profissão de jornalista é, em sua essência, levar as histórias adiante. E, para que isso seja feito, é preciso muito mais que a incessante procura pela verdade (que, em função das diferentes perspectivas, de diferentes narradores, é tênue e subjetiva, já sabemos). É preciso escutar um relato com dedicação, fazer a apuração, escrever um texto e publicar. É muito mais que aparecer bonito em frente às câmeras. É preciso saber ouvir, saber sentir o que o outro quer nos dizer e tratar o trabalho com muita honestidade.

Sinto-me realizada com o trabalho que representa a soma de todo o meu aprendizado durante a vida. Encerrar minha trajetória como estudante de jornalismo simboliza o resultado do meu esforço e da minha paixão pela profissão de contar histórias.

REFERÊNCIAS

AMÉLIO, Ailton; MARTINEZ, Mônica. **Para viver um grande amor.** São Paulo: Gente, 2005.

BRUM, Eliane. **O olho da rua** : uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2009.

GLOBOPLAY. **Caco Barcellos conta como teve a ideia de criar o 'Profissão Repórter'**. Globoplay, 04 de novembro de 2022. Disponível em : https://globoplay.globo.com/v/9553943/

LIMA, Edvaldo P. **Páginas Ampliadas**: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura. Barueri: Editora Manole, 2009. *E-book.* ISBN 9788520442340. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520442340/. Acesso em: 06 nov. 2023

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy :** Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MAROCCO, Beatriz. *Ações de resistência no jornalismo*. **Livro de repórter**. Florianópolis: Insular, 2016.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Ângela; SILVA, V. Marcia. **Livro de repórter** : autoralidade e crítica das práticas. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2019.

OLIVEIRA, Laura Márcia Magalhães de; SEIXAS, Lia. **A reportagem enquanto gênero jornalístico.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2011, Recife. Anais [...]. Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em: https://www.kufunda.net/publicdocs/R6-0810-1.pdf. Acesso em: 25 jan. 2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Vol.1** : Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

ZAMIN, Ângela. **Livros de repórter, saberes de entremeio:** relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 389-405, jul-dez. 2011.